

Parte II - Cecília e o feminino

Ao redor das crônicas cecilianas

Jacicarla Souza da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, JS. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguias* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 221 p. ISBN 978-85-7983-032-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

AO REDOR DAS CRÔNICAS CECILIANAS

Sabe-se que Cecília Meireles também se dedicou à escrita de crônicas, publicadas em diversos jornais, como *Diário de Notícias*, *A Manhã*, *Correio Paulistano*, entre outros. Não é de se estranhar que, diante do próprio gênero, os temas tratados nesses textos sejam os mais diversos. No que concerne às crônicas que indicam o engajamento ceciliano diante das questões do feminismo, cabe destacar “Toda América unida para vitória”, publicada pela primeira vez em 24 de março de 1943 em *A Manhã*; e “Precursoras brasileiras”, editada inicialmente na *Folha Carioca* de 19 de junho de 1945.

“Toda América unida para vitória” começa com Cecília relatando o recebimento do Emblema da Vitória que lhe foi enviado dos Estados Unidos por Evangelina A. de Vaughan. Esta, conforme destaca a poetisa brasileira, “é uma senhora peruana, radicada em Nova York, antiga presidente da Unión de Mujeres Americanas, grande animadora do movimento feminino dos Estados Unidos e em todas as Américas” (Meireles, 1998, p.35). O emblema, de acordo com as palavras de Vaughan, “simboliza todos os anelos da mulher americana, defensora dos ideais democráticos” (ibidem, p.35)

O texto segue comentando a importância da figura feminina nos Estados Unidos. A mulher americana é apontada aqui como um elemento de equilíbrio a essa sociedade:

A mulher americana é um elemento suavizador [...] Na América, o homem ganha dinheiro, – mas a mulher estuda maneiras de usá-lo em benefício social. E, como a ação feminina é, na verdade, eficiente, os dois resultados se equilibram, causando, em tempos normais, o bem-estar dos grupos em que influem. (Ibidem, 1998, p.36)

Cecília ainda esclarece que o emblema tem como finalidade principal proporcionar melhores condições de estudos às mulheres de países sul-americanos:

a campanha do Emblema da Vitória se destina a estabelecer, com o produto da sua venda, fundos para bolsas de estudo a serem oferecidas às mulheres das repúblicas sul-americanas que desejarem estudar nos Estados Unidos, preparando-se para a *defense work*. (Ibidem, p.38)

Cabe lembrar que essa crônica foi escrita durante a Segunda Guerra Mundial. Diante desse contexto, chama-se a atenção para a consciência feminina que apesar de vivenciar momentos conturbados, consegue pensar e agir em prol de um mundo menos desigual:

Multiplicam-se os aviões, submarinos, bombas, tanques de guerra e o número de mortos. Mas as mulheres americanas pensam na resistência, na defesa, na união de todas as mulheres de boa vontade – o que significa uma educação melhor da humanidade futura, uma outra compreensão das coisas, uma estrutura diferente do mundo. Sem dúvida os homens querem o mesmo: mas querem-no aos berros, berros de canhão, de altos explosivos, berros de desespero, de sofrimento, de maldição. (Meireles, 1998, p.38)

Por meio desses comentários realizados por Cecília Meireles, é possível notar o seu comprometimento com as questões que englobam o feminismo; prova disso é o recebimento do Emblema da Vi-

tória, destinado a pessoas que se distinguem na causa da união entre os países americanos, como também aquelas que se preocupam com os interesses da mulher.

Em relação à crônica “Precursoras brasileiras”, Cecília menciona uma entrevista cedida por ela em Washington a uma jovem jornalista. A cronista fala do entusiasmo da entrevistadora em querer saber algo que fosse “primeiro”: “E nunca mais me esqueci do interesse daquela jovem por essa definição de pioneira, que parecia significar tanto, aos seus olhos” (ibidem, p.227). Partindo dessa observação, a autora chama a atenção para o trabalho de Barros Vidal, a quem ela aponta como grande precursor, uma vez que ele publica um livro a respeito de mulheres brasileiras que se destacaram em diversos âmbitos sociais. Ainda sobre Barros Vidal, a poetisa salienta:

ele é um precursor, à frente de suas precursoras; também ele realiza o que não fora realizado, vencendo com longa perseverança os abismos de silêncio e as florestas de enredos que se abrem e se fecham diante dos passos de todos que querem, na verdade caminhar. (Ibidem, p.228)

O trabalho de Vidal, para Cecília, representa um estudo notável que resgata a história dessas mulheres pioneiras, mostrando, por conseguinte, a dificuldade que elas enfrentaram por terem sido “as primeiras”:

fazer pela primeira vez alguma coisa que não está prevista na rotina dos tempos, enfrentar os preconceitos, sobretudo quando se é pobre mulher, – criatura a quem nem todos ainda conferem o masculino privilégio (ai, tão mal empregado!) de ter alma...? [...] não afasto a da gratidão que o autor merece, da parte de toda mulher que se tenha esforçado em realizar obra de utilidade – quando neste mundo, segundo opiniões abalizadas, e seguidas, uma mulher já faz muito quando consegue ser bonita. (Maireles, 1998, p.228, grifos meus)

Nesse último fragmento, toca-se nitidamente na questão do preconceito sofrido pelas mulheres e dos rótulos que lhes são empre-

gados. Fica clara aqui também a indignação da cronista diante dessa postura masculina.

A autora conclui, dessa forma, que ser “**primeiro**” é uma tarefa tanto importante quanto difícil e necessária:

Ser-se o primeiro em qualquer coisa nem sempre é uma grande virtude; pode ser simples casualidade. Mas, afinal de contas, é sempre uma casualidade importante. O pioneiro não faz obrigatoriamente, as melhores coisas; mas, às vezes, o difícil é mesmo começar – e depois que alguém deu um passo, embora não muito seguro nem muito avançado, já o caminho pode ir ficando mais compreensível, e daí por diante a marcha se vai fazendo como por si mesma, rápida e natural. (Ibidem, 1998, p.227)

No que tange à atuação intelectual de Cecília Meireles, parece que ela, assim como as “precursoras” de Vidal, posiciona-se de maneira bastante pioneira. Ainda convém mencionar a colaboração da escritora brasileira a partir de 1930 no periódico *Portugal Feminino* (Oliveira, 2006). Trata-se de uma revista envolvida com as causas feministas que contou com a participação tanto das portuguesas quanto das brasileiras. Além da contribuição de textos de mulheres ligadas ao CNMP (Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas), representantes do Brasil, como Bertha Lutz, também cooperaram com seus artigos combativos. Publicaram nesse periódico, juntamente com Cecília, escritoras como Florbela Espanca, Ana de Castro Osório, Fernanda de Castro, entre outras. Sobre *Portugal Feminino* comenta Rosa Maria Lamas:

O tom de modéstia inicial, quando foi fundada a revista, mudou rapidamente num de crescente confiança no projecto. A razão principal deste optimismo estava certamente *na colaboração de escritoras e poetisas famosas do meio literário português e brasileiro*, mas devia-se também ao facto de o *Portugal Feminino* oferecer as suas páginas a poetisas desconhecidas – e é aqui que encontramos muitos nomes de membros do CNMP. (Lamas, 1993, p.98, grifo meu)

Depois de transitar pelos textos poéticos e pelas crônicas de Cecília Meireles, cabe, agora, destacar a atuação de Cecília como tradutora, atividade que também revela uma preocupação da autora brasileira em tratar de assuntos relacionados ao universo feminino